



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud

1. Pré-História

- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrocchino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.ºs 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenhos (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florabela Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

A NECRÓPOLE ISLÂMICA DO RIBAT DO ALTO DA VIGIA, SINTRA

Alexandre Gonçalves¹, Helena Catarino², Vânia Janeirinho³, Filipa Neto⁴, Ricardo Godinho⁵

RESUMO

O sítio arqueológico do Alto da Vigia localiza-se na foz da ribeira de Colares, junto à Praia das Maças, em Sintra. No início do século XVI, provavelmente quando no local se abriam as fundações para um edifício de vigilância da costa, terão sido identificados vestígios epigráficos do santuário imperial romano dedicado ao Sol, ao Oceano e à Lua, que estariam reaproveitados em construções de época islâmica.

Desta última ocupação identificaram-se, até ao presente, vestígios de, pelo menos, três edifícios, dois pertencentes a mesquitas, com respetivo *mihrab*, para além de diversos silos escavados na rocha e uma necrópole de rito islâmico que aqui se apresenta.

Foram já escavadas cinco sepulturas, uma delas presumivelmente infantil, das quais apenas três conservavam vestígios osteológicos humanos que revelaram enterramentos de homens adultos sepultados segundo os ditames da fé islâmica.

Palavras-Chave: Almocávar; *Maqbara*; Sepultura islâmica; *Ribât*; Sintra.

ABSTRACT

The archaeological site Alto da Vigia is located nearby the river mouth of Colares, next to Praia das Maças, Sintra. Epigraphic remains from a roman imperial shrine dedicated to the Sun, Ocean and Moon were first identified in the early 16th century, most likely when a coastal surveillance shelter was being built for shore control. Those remains were reused as construction materials in the later Muslim period.

At least three buildings were identified dating from the Muslim period at Alto da Vigia, of which two preserve *mihrabs*. Several silos excavated on the bedrock and a Muslim burial site (which we report in this study) were also identified.

Five graves of the burial site have been excavated. Only three still preserved osteological remains, which were of males that were deposited according to the Muslim funerary rite.

Keywords: Muslim cemetery; *Maqbara*; *Ribat*; Sintra.

1. ENQUADRAMENTO E DIVERSIDADE DE OCUPAÇÕES NO ALTO DA VIGIA

Implantado numa pequena colina sobranceira ao mar, na margem esquerda do rio de Colares, atualmente reduzido à condição de ribeira, o Alto da Vigia ocupa uma posição estratégica, já que na sua foz terá existido, pelo menos até à Idade Média, um pequeno

estuário (Daveau, 1994, p. 25; Ramos-Pereira & *alli*, 2019) que permitia a passagem de embarcações e que seria navegável no seu troço final (Caetano, 2000, p. 13 e seg.; Borges, 2012, p. 116; Ribeiro, 2019, p. 90). Essa localização terá sido determinante para a diversidade de ocupações registadas no local, que remontam à época romana, quando no local funcionou o santuário dedicado ao Sol, ao Oceano e à

1. Câmara Municipal de Sintra; UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / alexandre.masmo@gmail.com

2. CEAACP - Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património / hcatarino@fl.uc.pt

3. EON - Industrias Criativas / vanocas4@gmail.com

4. Museu Nacional de Arqueologia - Direção Geral do Património Cultural / fneto@mnarqueologia.dgpc.pt

5. ICAREHB - Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano / ricardomiguelgodinho@gmail.com

Lua, que foi abandonado no início do século V d.C. (Ribeiro, 2019). Parcialmente sobre as suas ruínas e reutilizando restos lapidares do santuário como material de construção, em época medieval islâmica constroem-se no local diversos edifícios que constituem um *ribat*. Para além do enquadramento e motivações de carácter mais espiritual que caracterizam este tipo de sítios, a ocupação islâmica do Alto da Vigia não será certamente alheia à necessidade de defesa e controlo da navegação, numa região que, pelo menos desde o século IX, se encontra exposta aos ataques normandos (Coelho, 1989, p.129-131; 134; Catarino, 2004, p. 263; Fernandes 2005, p. 54; Pires, 2012, p. 270, Correia, 2013; Lourinho, 2020) e, a partir do século XI, por força da pressão cristã exercida a partir do Norte, se constitui como fronteira islâmica (Coelho, 2000, pp. 208).

Pese embora não terem sido identificados vestígios materiais que se possam associar a uma ocupação na segunda metade do século XII, a implantação do sítio e a sua vocação para defesa costeira poderão ter justificado a continuidade de alguma presença no local após a definitiva conquista cristã da região, em 1147. Com efeito, será justamente essa posição geográfica a razão da construção da vigia quinhentista, provavelmente em 1505, que se encontrava integrada num sistema de vigilância que funcionava em rede e se manteve em uso até ao século XIX (Gonçalves e Santos, 2020).

2. O ALTO DA VIGIA EM ÉPOCA ISLÂMICA

A presença islâmica encontra-se documentada no Alto da Vigia através de três edifícios, dois deles correspondentes a mesquitas, com oratórios na parede da *qibla*, para além de uma área de silos e da necrópole. A continuidade de estruturas para fora dos limites da atual área de escavação, nomeadamente para norte e para nascente, indicam uma ocupação centrada neste período que deverá ser mais extensa e complexa, que se infere também a partir dos resultados da prospeção geofísica entretanto realizada. Os trabalhos na única mesquita totalmente escavada revelaram várias fases de ocupação com sucessivas reestruturações do seu interior, onde se inclui a abertura de uma estrutura escavada na rocha, posteriormente desativada no contexto da divisão do edifício através da construção de um novo compartimento no seu limite sul (fig. 2, amb. 2). Estas alterações terão ocorrido em fase tardia, durante o século XI ou

XII, de acordo com os materiais recuperados naqueles contextos (Gonçalves e Catarino, no prelo).

Nas paredes deste edifício foram empregues inúmeros elementos lapidares romanos – arcos, imposta, fragmentos de coluna e blocos de construção –, todos em calcário lioz da região de Sintra, que por sua vez foram, em grande parte, novamente reutilizados aquando da implantação de um edifício de vigilância da costa, provavelmente no início do século XVI (Gonçalves e Santos, 2020).

Um segundo compartimento com provável oratório na *qibla* (fig. 2, amb. 4), cuja escavação se encontra ainda em curso, localiza-se a sul da mesquita acima descrita, não sendo ainda clara a forma como estes dois edifícios se articulam entre si. Os dados atualmente disponíveis parecem indicar a existência de um espaço de circulação entre ambos, com cerca de 2 metros de largura, provavelmente fechado do lado do mar e desprovido de cobertura.

No limite sul da atual área de escavação não se registam estruturas anexas ao ambiente 4, podendo este definir o efetivo limite das construções naquela zona, ainda que não possa excluir-se que a ausência de edifícios indique uma área aberta de acesso à arriba a que se poderiam seguir outras construções. Neste ponto, fazemos notar que apesar da provável queda de vários metros de superfície ao longo dos últimos séculos, em consequência de uma arriba instável e exposta à dinâmica do mar, não se observam quaisquer vestígios de outras estruturas naquela direção.

A norte da mesquita já escavada foi adossado um edifício sem *mihrab* e com lareira estruturada com lajes, que poderá ter desempenhado funções de cariz mais domésticas, porventura coletivas (fig. 2, amb. 3). Por sua vez, anexo à parede norte deste último compartimento, identificou-se um muro associado a níveis de utilização que se prolongam sob o limite da escavação, indicando a provável continuidade de edifícios naquela direção, apesar de só através da escavação daqueles contextos ser possível caracterizar a natureza dos vestígios.

Os edifícios acima descritos configuram um conjunto arquitetónico contínuo e paralelo à atual linha da costa, alinhados aproximadamente nordeste-sudoeste, condicionando o acesso à arriba e ao mar a partir do interior da plataforma, tendo em todos os casos as respetivas portas de acesso a partir de sudeste, da área onde se localizam a necrópole e os silos.

3. ORGANIZAÇÃO, RITUAL E ARQUITETURA FUNERÁRIA

A necrópole foi estruturada no amplo espaço aberto delimitado a oeste pelos edifícios, não tendo sido ainda identificados os seus limites a sul e a nascente, uma vez que a continuidade deste tipo de evidências naquelas direções assinala uma área funerária de maiores dimensões.

Apesar dos dados necessariamente preliminares sobre a organização do almocávar do Alto da Vigia, considerando a reduzida área escavada, identificaram-se já 10 prováveis sepulturas (intervencionadas nas campanhas de 2015, 2021 e 2022) que se concentram junto dos dois edifícios com *mihrab*, contudo, sem se apoiarem neles.

As sepulturas foram alinhadas nordeste-sudoeste, com ligeiras divergências em alguns casos que poderão estar relacionadas com a época do ano em que se realizaram os rituais fúnebres, já que não parece haver qualquer tipo de condicionantes, como a presença de outras estruturas, a impedir a sua correta orientação.

Não obstante a regular organização espacial destes contextos, que reflete planeamento na sua distribuição, verifica-se uma grande proximidade das estruturas de sinalização das sepulturas 1 e 7, ainda que não seja absolutamente clara a relação diacrónica entre ambas, como se verá adiante. Esta proximidade poderá refletir uma relação familiar, uma vez que as dimensões da sepultura 7 fazem presumir o sepultamento de uma criança, não podendo excluir-se ser o desejo de proximidade aos edifícios religiosos a determinar esta maior densidade dos enterramentos. Atente-se que a sepultura 7 foi implantada a cerca de 1 metro da *qibla* do ambiente 4, reduzindo e condicionando o espaço de circulação e de acesso àquele compartimento.

A mesquita já escavada constitui uma zona de transição quanto ao uso e estruturação do espaço exterior, já que da zona do seu *mihrab* para sul se concentra a área funerária e, no sentido oposto, para norte, foram escavados os nove silos, observando-se uma organização que deverá refletir a função específica de cada um dos edifícios. Assim, o limite nordeste do almocávar parece assinalado pela sepultura 2, que se sobrepõe parcialmente a um silo que se encontraria então já desativado, que por sua vez assinala o termo sul destas estruturas de armazenamento escavadas na rocha.

Quanto à técnica de construção, os sepulcros do Alto da Vigia obedecem ao mesmo modelo, apenas com um caso ligeiramente divergente. De um modo geral, conservam-se vestígios das duas partes que os compõem: a vala de inumação, onde foi depositado o corpo em contacto com a terra, a que se sobrepõe a respetiva estrutura de sinalização.

O topo das sepulturas foi assinalado através de estruturas simples, com recurso a materiais disponíveis no local – terra, argila e pedras –, recorrendo-se a blocos e calhaus para definir perímetros de planta subretangular, posteriormente preenchidos por terra com uma espessa camada de argila no topo. As suas dimensões são variáveis, mas nos casos em que foi possível fazer essa observação registaram-se comprimentos até 2,60 m, largura aproximada de 1,20 m e uma expressão em altura entre 22 e 45 cm (conforme tabela da figura 7). Os blocos foram assentes diretamente sobre o piso de circulação exterior ou sobre o pequeno monte de terra que integra já a estrutura de sinalização e que cobre o preenchimento da respetiva vala de inumação.

Aqueles elementos pétreos apresentam alguma diversidade formal, recorrendo-se a lajes dispostas em cutelo e a blocos com forma mais irregular, todos em bruto ou grosseiramente aparelhados. Porém, nenhum deles parece ter sido disposto na estrutura especificamente como elemento de sinalização vertical do tipo estela ou cipo⁶.

As estruturas de sinalização cobriam valas de inumação abertas na superfície de circulação do exterior da mesquita, atestando, assim, a diacronia entre o uso daquele edifício e a construção das sepulturas escavadas no substrato geológico, quer calcário quer de argila. Estas fossas são exíguas e têm o espaço estritamente necessário à deposição do corpo, com largura em redor de 20 a 30 cm e profundidade entre 40 e 50 cm, dimensões que se encaixam no padrão que tem sido reconhecido para este tipo de contextos e que têm como principal objetivo garantir a posição do corpo na posição canónica (Gonzaga, 2018; Gomes e Gomes, 2019).

6. Deve referir-se aqui a recolha de uma pedra com forma paralelepípedica depositado no fundo do silo 13, localizado a cerca de 5 m das sepulturas 2 e 8, e que, atendendo à sua forma, poderá ter servido como elemento de sinalização vertical de um enterramento, solução que tem paralelos em outras necrópoles, tais como da Arrifana, Aljezur (Gomes e Gomes, 2019), ou a da cidade de Vascos, Toledo (Izquierdo Benito, 2006).

Com exceção da sepultura 8, que apresenta cavidade lateral mais profunda (*lahd*) na sua parede sudeste, a generalidade destas valas apresenta planta retangular simples com contornos arredondados, paredes verticais e fundo plano (*darih*) (Chávet Lozoya, Sánchez Gallego e Padial Pérez, 2006, p. 152). Das cinco sepulturas escavadas três conservavam vestígios osteológico humanos, tendo sido possível nesses casos determinar que foi cumprido o rito da inumação segundo os ditames da fé islâmica, através da deposição do corpo em *decubitus* lateral direito com cabeça virada para sudoeste e a cara orientada a sudeste (*ibid.*, p. 151). Apesar do fraco índice de preservação, os vestígios osteológicos conservados permitiram recolher dados funerários adicionais sobre a posição dos indivíduos e dos seus membros que são consistentes com o rito funerário islâmico e que ajudam a caracterizar esta importante necrópole (ver detalhes abaixo, no ponto 4).

Fazemos notar que em vários casos de possíveis sepulturas, reconhecidos através de um pequeno montículo de terra ou de argila e sem presença de blocos, se afigura difícil determinar se tais elementos pétreos que se encontram efetivamente ausentes poderiam ter feito parte da estrutura original e não se conservaram, ou se estamos perante uma estratégia deliberada de sinalizar de forma mais discreta os enterramentos. Estes casos dizem respeito a contextos que se prolongam para fora do limite da área de intervenção e que por essa razão foram apenas registados. As estruturas tumulares, como aliás os contextos de derrube associados às construções islâmicas, encontravam-se cobertos por um nível de areia de origem natural, que em função das dinâmicas naturais apresenta variações de altura, entre mais de 1 metro e poucos centímetros.

Sepulturas 1 e 7

Estas duas sepulturas são contíguas e apresentam as estruturas de sinalização parcialmente destruídas no limite sudoeste, onde não se conservaram já os elementos pétreos e a argila que provavelmente fariam parte das estruturas originais.

A sepultura 1 encontra-se assinalada através de pequenos blocos e lajes de calcário grosseiramente aparelhados, com formatos irregulares e dimensões variáveis, entre 20 a 40 cm de comprimento por 10 cm de largura, com os de maiores dimensões dispostos em cutelo, como se verifica na zona dos pés, definindo um perímetro subretangular com o topo nor-

deste, o único conservado, tendencialmente oval. Junto do seu limite oeste encontra-se a sepultura 7, da qual se conservam três lajes de calcário dispostas em cutelo, duas alinhadas no sentido longitudinal da estrutura, enquanto a terceira foi colocada transversalmente àquelas, definindo o seu topo nordeste. As lajes têm entre 30 e 65 cm de comprimento e largura máxima em torno dos 10 cm e delimitam uma área com 1,30 m de comprimento por cerca de 65 cm de largura que se encontrava preenchida por argila. O facto deste sedimento argiloso não se apoiar nas lajes da sepultura 1, com a qual esta estrutura funerária compartilha o seu limite nascente, pode indicar uma fase de construção mais antiga para a sepultura 7, que assim terá sido afetada pelo novo enterramento. Contudo, quanto a este aspeto, é necessário considerar a proximidade das estruturas com a superfície do terreno atual; o facto de se encontrarem cobertas por sedimentos arenosos bastantes permeáveis; e a circunstância de aquela ser uma zona de drenagem natural de águas pluviais do terreno. Por estas razões, não pode ser absolutamente excluída a possibilidade de aquela argila originalmente se apoiar nas lajes da sepultura 1 e ter sido removida por ação natural – água ou mesmo uma raiz – revelando, assim, uma sequência diacrónica entre os dois enterramentos em que a sepultura 7 poderá ter sido adossada a um túmulo preexistente.

Ainda que nestes dois casos não se tenham preservado vestígios osteológicos humanos no interior das valas de inumação, a sepultura 7 revelou uma fossa de pequenas dimensões, compatível, pois, com o enterramento de uma criança. Neste ponto, fazemos notar que as respetivas fossas de inumação seguem o mesmo modelo construtivo observado para as demais sepulturas, através do corte do piso de circulação e do substrato geológico com a deposição de terras contendo esses vestígios no seu interior, o que parece excluir a possibilidade de se tratarem de cenotáfios⁷. O facto de nestas duas situações as fossas terem sido abertas em substrato geológico de matriz argilosa talvez possa explicar em parte a não conservação de material orgânico, presente nas outras sepulturas abertas em calcário, ainda que em pobre estado de conservação.

7. A presença, na necrópole do *ribat* da Arrifana, de sepulturas de pequena dimensão e ainda por escavar, foi interpretada como testemunho de enterramentos infantis ou de cenotáfios (Gome e Gomes, 2019, p. 346).

Sepultura 2

Conservavam-se apenas três das lajes que assinalavam a presença deste enterramento, duas do lado oeste e uma no topo nordeste, com comprimento entre 20 e 60 cm por cerca de 15 cm de largura, observando-se ainda uma mancha de terra e da argila, com cerca de 2,60 m de comprimento por 80 cm de largura, que cobria a vala de inumação escavada na rocha calcária, no interior da qual se conservavam vestígios do enterramento.

Sepultura 3

Trata-se de uma estrutura composta por lajes dispostas em cutelo com dimensões muito variáveis, a maioria entre 35 e 50 cm e uma com 75 cm, com espessuras em torno de 10 a 20 cm e por pequenos blocos de calcário com formas mais irregulares. Assentam no piso de circulação e delimitam um perímetro trapezoidal, ligeiramente mais largo no topo nordeste onde uma das lajes se destaca pela grande quantidade de fósseis marinhos que lhe conferem um aspeto singular. O seu interior encontrava-se preenchido por argila que cobria as terras de preenchimento da vala de inumação, aberta no substrato calcário e conservando alguns vestígios esqueléticos.

Sepultura 4

No canto sudeste da área de escavação foi identificado um depósito constituído por nódulos de argila amarela, do qual são visíveis apenas 70 cm de comprimento e 1,10 m de largura máxima, uma vez que este contexto se prolonga sob os limites sul e nascente da área aberta. A sua proximidade à superfície, e a coincidência como uma área de caminho em uso no início da intervenção, poderão explicar a não conservação dos elementos pétreos que porventura fariam parte da estrutura original e delimitavam aquela mancha de argila.

Sepultura 5

Um conjunto de quatro blocos de calcário dispostos em cutelo, o maior deles com 50 cm de largura por 10 cm de largura, indicam os limites nordeste, poente e nascente de uma estrutura que conserva no seu interior um depósito com argila. Este, é observável numa extensão com largura máxima de 90 cm e 1,90 m de comprimento, prolongando-se sob o corte sul da área de escavação, devendo corresponder à estrutura de sinalização de um enterramento.

Sepultura 6

Junto do limite nascente da escavação, a sul da sepultura 3, quatro lajes de calcário dispostas em cutelo, com comprimentos entre 40 e 60 cm por cerca de 10 cm de largura, e diversos blocos de formas irregulares em torno de 15 cm, correspondem ao limite poente de uma provável estrutura funerária que se prolonga para fora dos limites da escavação.

Sepultura 8

A estrutura de sinalização é constituída por blocos e calhaus que delimitam um perímetro aproximadamente trapezoidal, ligeiramente mais largo no topo sudoeste, local onde foi disposto um bloco ligeiramente maior e com forma mais regular que os restantes, ainda que provavelmente corresponda a um elemento natural, ou seja, não parece ter sido aparelhado para o efeito. Estes materiais pétreos apresentam dimensões variadas, entre 20 e 50 cm, e assentam numa camada de argila que acompanha todo o comprimento da sepultura, mas que tem largura maior que o perímetro definido pelos blocos, prolongando-se para oeste numa extensão total de 1,20 m⁸. Esta sepultura é, assim, constituída por uma vala com 1,90 cm de comprimento e, pelo menos, 1,20 m de largura, com degrau lateral na parede sudeste na qual foi aberta uma fossa com 30 cm de largura para acomodar o corpo, posteriormente fechada a poente com recurso a elementos de cerâmica retangulares, semelhantes a tijoleiras dispostas na vertical⁹. Estas peças são pouco consistentes e apresentam um estado de conservação bastante frágil, em consequência das características da pasta utilizada e de uma cozedura muito rudimentar.

Do nicho lateral abobadado, que terá sido originalmente escavado na rocha para acolher o corpo, apenas se conservaram cerca de 20 cm em cada uma das suas extremidades, junto dos pés e da cabeça. A natureza pouco consistente do calcário naquela área e a presença de uma bolsa natural de argila poderão

8. Uma vez que esta estrutura funerária coincide com o corte nascente da área de escavação, não foi possível confirmar os limites desta mancha de argila.

9. Tratam-se de peças alinhadas no comprimento da vala de inumação, com cerca de 50 cm de altura e 10 de largura. Foram produzidas com pasta pouco plástica, com muita areia, cozida de forma muito rudimentar, e por isso muito frágil ao toque, apresentando problemas de conservação.

justificar o colapso desta solução arquitetónica na área central da vala¹⁰.

As evidências acima descritas revelam uma estrutura funerária mais complexa e distinta, quando comparada com as outras quatro escavadas no Alto da Vigia, já que implicou a abertura, no espaço da vala (*saqq*), de uma cavidade lateral mais funda (*lahd*) onde foi colocado o inumado, procurando talvez evitar dessa forma o contacto direto do corpo com a terra.

Este tipo de estruturas funerárias compósitas são relativamente comuns (Chávét Lozoya, Sánchez Gallego e Padial Pérez, p. 152-153), podendo apontar-se diversos casos, que apesar de algumas disparidades, se integram nesta tipologia, como se verifica nas necrópoles da Horta do Pinheiro 5, em Alcácer do Sal (Simão, Matias e Nunes, 2016), Ribeira de São Domingos 1, em Serpa (Miguel, 2011), não muito distintas dos contextos de Xancra II, em Cuba (Brazuna e Godinho, 2014) ou da sepultura 9 do *ribat* da Arrifana (Gomes e Gomes, 2019, p. 345).

Pese embora as evidentes diferenças observadas na construção da fossa de inumação desta sepultura, como se viu, o seu aspeto à superfície não se diferenciaria das demais identificadas no Alto da Vigia.

Sepultura 9

O conjunto de pequenas lajes dispostas em cutelo, com comprimentos entre 40 e 60 cm por 15 cm de largura, a aflorar à superfície a nascente das sepulturas 3 e 8, já fora da área de escavação e observáveis numa extensão com 1,20 m comprimento e 1,20 m de largura, deverá corresponder ao limite sudoeste de uma nova estrutura sepulcral.

Sepultura 10

Encaixado entre as sepulturas 1 e 5, com o mesmo alinhamento destas, identificou-se um depósito de características semelhantes às da argila que constitui o substrato geológico naquele local, formando uma planta subretangular com 70 cm de largura e cerca de 1,45 m de comprimento que se prolonga sob o corte sul. Este sedimento, possível vestígio da sinalização de um enterramento, cobre um depósito com cerca de 20 cm de largura, portanto, de dimensões seme-

10. Quanto à pouca estabilidade do substrato geológico, deve referir-se que a escavação dos silos revelou inúmeros abatimentos das suas paredes sobre os depósitos de preenchimento, testemunhando a natureza pouco consistente da rocha naquela zona.

lhantes às valas de inumação já registadas no sítio.

Como se viu, diversos possíveis contextos funerários ainda não escavados encontram-se assinalados através de ténues vestígios, particularmente as sepulturas 4 e 10, e em certa medida também as 5, 6 e 9. Porém, considerando a sua localização no interior da área funerária, o seu alinhamento, orientação e a presença de sedimento argiloso de características muito semelhantes àquele que se identificou na sinalização da generalidade das estruturas sepulcrais do sítio, parece-nos provável a sua correspondência com enterramentos, o que só poderá ser cabalmente esclarecido através da sua futura escavação.

4. VESTÍGIOS OSTEOLÓGICOS HUMANOS

Para a análise osteobiográfica dos esqueletos seguiram-se diversas metodologias, utilizadas no âmbito dos protocolos de registo e análise dos ossos humanos, quer no terreno, quer em laboratório, consoante a preservação e a conservação do esqueleto. As mesmas são indicadas ao longo do texto e referenciadas caso a caso.

A área de necrópole identificada revelou várias sepulturas, cuja realidade estratigráfica e orientação pressupõe tratarem-se de inumações contemporâneas do *ribat* nas quais os indivíduos terão sido inumados segundo o ritual islâmico, como já referido (Neto, 2016 Janeirinho, 2022; Godinho, 2023).

Em seguida faz-se uma descrição das realidades identificadas em cada uma das sepulturas.

Sepultura 2

A sepultura 2 integra uma inumação individual em contexto primário. O esqueleto foi inumado em decúbito lateral direito, com a face direita em contacto com o solo, os membros superiores ligeiramente fletidos sobre o abdómen e paralelos, os membros inferiores encontravam-se estendidos e paralelos e os pés também se encontravam paralelos entre si. Estava orientado sul/sudoeste (crânio) norte/nordeste (pés), sem qualquer espólio associado e em contacto direto com o solo. A sepultura não foi reutilizada.

A observação das articulações persistentes, por se encontrarem em conexão anatómica, e as lábeis, por se encontrarem ligeiramente movimentadas (Duday, 2006), revela que o corpo ter-se-á decomposto em espaço fechado, podendo ter sido depositado muito provavelmente embrulhado num invólucro (sudário?) atestado em rituais funerários

islâmicos. Todavia não foi identificado qualquer vestígio material de lençol ou mortalha.

O índice de conservação do esqueleto era pobre, ainda que conservava preservados ossos de várias regiões anatómicas. De salientar que o crânio embora completo, encontrava-se muito fragilizado, pelo que foi necessário proceder a trabalhos de conservação e de consolidação no local, de modo a minimizar e impedir a sua total fragmentação. Os agentes tafonómicos causadores deste estado de conservação foram de origem bio orgânica, nomeadamente raízes no solo, ou a composição orgânica do mesmo (Micozzi, 1991). Dada a fragilidade de conservação dos ossos humanos na sepultura 2 não foi possível registar vestígios de traços morfológicos do esqueleto, seja recorrendo a medidas osteométricas ou à observação de características não métricas, ou seja, os caracteres discretos. A diagnose sexual do indivíduo, proposta como sendo masculino, baseia-se no aspeto medial do ramo isquiopúbico direito (Bruzek, 2002), bem como a observação morfológica que foi possível efetuar no crânio aquando da escavação.

Quanto ao cálculo da estatura do indivíduo, também o nível de conservação dos ossos inviabilizou a sua obtenção exata. Todavia, a observação do comprimento total do esqueleto no terreno apontou para uma estatura relativamente baixa para um indivíduo do sexo masculino.

Em termos de estimativa de idade à morte, a observação da união de todas as epífises dos ossos observadas, permitiram perceber que se tratava de um indivíduo adulto (Brothwell, 1981), provavelmente com mais de 25/30 anos, uma vez que a fusão da extremidade distal da clavícula estava já completa (MacLaughlin, 1990). A metamorfose da face da sínfise púbica direita (Suchey e Brooks 1990, a observação das extremidades das costelas esternais (Ischan e Loth, 1989), e o facto de não se observarem quase nenhuma alterações degenerativas no esqueleto, corrobora esta hipótese e sugere tratar-se de um adulto relativamente jovem.

Ao nível das patologias, o estado de conservação do esqueleto não permitiu observar lesões graves do ponto de vista degenerativo, traumático, infeccioso ou oral. Também nenhum indicador de stress foi identificado ou possível de observar. Deste modo a causa da morte do indivíduo foi impossível de determinar.

Sepultura 3

A sepultura 3 continha um indivíduo em posição pri-

mária com o crânio orientado para Sul e a face orientada a Sudeste. Apesar da provável rotação dorsal do corpo após a sua deposição, o indivíduo terá sido originalmente depositado em decúbito lateral direito.

Embora os ossos estejam muito mal preservados e os membros inferiores estejam ausentes, a orientação da sepultura e do restante esqueleto presente indicam que estariam orientados para Norte. O braço direito encontrava-se estendido e o esquerdo fletido a, aproximadamente, 90°. Não apresentava qualquer espólio associado. A sepultura não foi reutilizada.

As articulações persistentes encontravam-se fechadas (i.e., em continuidade anatómica direta) e as lábeis ligeiramente abertas (i.e., sem continuidade anatómica direta resultante de movimento pós-deposicional). Esta disposição das articulações é consistente com a inumação em mortalha (apesar de não ter sido recuperado qualquer tecido) como expectável nos ritos funerários islâmicos (Duday, 2006).

A análise paleobiológica encontra-se também condicionada pelo pobre estado de preservação dos ossos. Não obstante, considerando que todas as epífises preservadas se encontravam integralmente fundidas, o indivíduo depositado nesta sepultura seria um adulto com mais de 25/30 anos de idade à morte (Schaefer et al, 2008). As características morfológicas cranianas são consistentes com o sexo masculino (Buikstra e Ubelaker, 1994). Em termos paleopatológicos, destaca-se a presença de patologia degenerativa não articular na coluna vertebral (i.e., espigas laminares em vértebras torácicas), tártaro, cáries dentárias e perda ante-mortem de dentição. Para além destas patologias já referidas, o crânio deste indivíduo apresentava um aspecto muito patológico com algumas zonas muito hipervascularizadas, tanto na tábua interna, como no diploe e afectando também a parte externa. A lesão encontra-se contida numa zona do crânio, na ligação do frontal com o parietal e no occipital. É possível ver crescimento de osso novo porótico e lesões osteolíticas. Como diagnóstico diferencial podemos estar na presença de uma neoplasia, por exemplo o mieloma múltiplo que afecta mais os homens, no entanto também afecta a mandíbula, a ulna, o rádio, a escápula, a clavícula (Strouhal, 1991) e no caso deste enterramento nenhum destes ossos apresentava alterações, no entanto tirando as clavículas os restantes ossos encontravam-se muito fragmentados o que pode ter dificultado esta observação ou uma patologia infecciosa. No entanto as lesões endocranias podem ser muito inespecíficas, sendo por

isso necessária uma metodologia mais rigorosa, para podermos chegar a melhores conclusões.

O nível de conservação dos ossos inviabilizou qualquer tipo de análise métrica dos ossos. Na análise não métrica foi possível registar três caracteres discretos, dois cranianos como a incisura supraorbital e um foramina zigomático-facial e um pós craniano como a abertura septal no úmero direito.

Sepultura 8

Consistentemente com as sepulturas 2 e 3, nesta sepultura encontrava-se um indivíduo em posição primária com o crânio orientado para Sul. Também esta sepultura não foi reutilizada.

O indivíduo encontrava-se em decúbito ventral, porém esta posição resultará da provável rotação ventral do corpo após a sua deposição, devendo ter sido depositado originalmente em decúbito lateral direito (sugerido também pela posição do crânio, que se encontrava sobre o lado direito). Os membros superiores não conservavam os ante-braços nem as mãos, não sendo, assim, possível avaliar a sua posição. Os membros inferiores encontravam-se estendidos. O mau estado de preservação dos ossos limitou a observação da posição relativa dos ossos das diversas articulações. Não obstante, foi possível observar que as articulações permanentes preservadas se encontram em completa continuidade anatómica. Tal como nas outras sepulturas, verificou-se a ausência de espólio funerário associado.

A pobre preservação dos ossos também limitou a análise paleobiológica severamente. Apesar de não ter sido possível estimar o sexo do indivíduo depositado nesta sepultura conclusivamente, foi possível observar que as epífises presentes se encontravam completamente fundidas e que o terceiro molar havia erupcionado, sendo, assim, um indivíduo adulto. Em termos patológicos, registou-se a presença de um processo infeccioso no fémur esquerdo e de tártaro na dentição.

Embora não tenha sido possível calcular a estatura do indivíduo com base na análise métrica dos ossos, através de uma medição do enterramento em campo, obteve-se uma medida de 1.60 m de comprimento do bregma à base do calcâneo.

5. OBSERVAÇÕES FINAIS E CONTEXTUALIZAÇÃO: AS MAQÂBIR EM RIBAT

A relação entre o mundo dos vivos e as necrópoles é

mais diluída em época islâmica, quando comparada com a estrita e rígida separação das duas realidades no mundo romano ou com a mais pacífica convivência de ambas esferas entre os cristãos (Torres Balbás, 1970, p. 256-258). Pese embora estas fronteiras mais ténues, de um modo geral, também devido a questões de ordem prática, os almocávares, sobretudo os de maior dimensão, são construídos no exterior dos aglomerados, frequentemente junto das respetivas portas de acesso, por vezes sobrepondo-se a antigas áreas funerárias romanas ou da Antiguidade Tardia das quais poderia já não haver conhecimento em época islâmica (*Ibid.* p. 235 – 236 e 240; Catarino, 1997, p. 101).

Por serem escassas as referências às práticas funerárias no Alcorão, sem indicações claras quanto às cerimónias ou aspetos da sepultura, houve necessidade de criar normas para enquadrar este importante ritual (Chávet Lozoya, Sánchez Gallego e Padial Pérez, 2006, p. 151 e 156; Gonzaga, 2018, 10).

Desta forma, a doutrina da escola malaquita, amplamente difundida na Península Ibérica depois dos séculos IX/X (Catarino, 1997, p. 94; Chávet Lozoya, Sánchez Gallego e Padial Pérez, 2006, p. 156, Sáenz Preciado e Martín-Bueno, 2013, p. 159), estabelece normas quanto aos ritos funerários e à organização dos almocávares, fazendo-se a apologia de estruturas discretas que promovem o sentido igualitário do Islão (Torres Balbás, 1970, p. 240; Catarino, 1997, p. 99 e 101; Fierro, 2000, p. 156-157; Chávet Lozoya, Sánchez Gallego e Padial Pérez, 2006, p. 152; Sáenz Preciado e Martín-Bueno, 2013, p. 159; Gomes e Gomes, 2019, p. 345-346). A reprovação de estruturas funerárias mais monumentais, ou mesmo da edificação de mesquitas sobre locais de enterramento, procura também evitar que tais sítios se tornem pontos de peregrinação ou de adoração dos sepultados, prática contrária à sobriedade e igualdade na morte referidas pelo Profeta.

Contudo, são vários os casos nos quais os enterramentos de eremitas ou morabitos, conhecidos pela sua santidade e vida piedosa, exercem um efeito de atração por parte de quem quer beneficiar da influência espiritual que irradia desses locais. Estas situações documentam-se, quer no interior dos núcleos urbanos, quer nos campos, originando casos em que as necrópoles acabam por organizar-se em torno de pequenas estruturas funerárias. Por vezes, estas construções originais mais discretas evoluem para conjuntos arquitetónicos de maiores dimensões

destinados ao estudo do Alcorão, acolhendo pessoas piedosas que vivem e são sepultados no local e que estará na génese de alguns sítios de *rubut* (Torres Balbás, 1970, p. 237 e 240; Fierro, 2000, p. 186).

Nos últimos anos assistimos em Portugal a um significativo incremento do conhecimento sobre o mundo funerário islâmico, grandemente decorrente de ações de caráter preventivo, aspeto que naturalmente se reflete depois no conhecimento produzido, não obstante terem aumentado o número de publicações, destacando-se o trabalho de síntese de Raquel Gonzaga (2018).

No caso específico da região de Lisboa encontram-se mapeados nove destes espaços funerários (Gonzaga, 2018; Cardoso, Encarnação, Rodrigues e Pereira, 2022), relacionados com a cidade e com o seu espaço rural, neste último caso por vezes podendo ser associados aos respetivos núcleos habitacionais, ou encontrando-se mesmo implantados junto às ruínas de edifícios romanos, como se verifica no Telhal, em Sintra (Ferreira, 2009; Granja, Pombal e Godinho, 2009).

É certo que, não obstante a necessidade de confronto com a realidade regional, conforme se viu, o sepultamento em contexto de *ribat* pode assumir algumas particularidades, desde logo pela maior proximidade com os espaços dos vivos e pela possível relação com a sepultura de um fundador ou homem piedoso. Assim, na análise dos contextos do Alto da Vigia devemos prestar especial atenção ao único sítio com o qual é possível estabelecer esse paralelismo na Península Ibérica, o *ribat* da Arrifana, já que nas Dunas de Guardamar, o outro local desta tipologia escavado em solo peninsular, apesar da considerável área já intervencionada, não foram ainda identificados vestígios de necrópole (Azuar Ruiz, 1989, p. 194).

Com efeito, as sepulturas identificadas no sítio do Alto da Vigia encontram paralelos próximos na necrópole do *ribat* da Arrifana (na Ponta da Atalaia, Aljezur), desde logo na proximidade do espaço funerário com os edifícios religiosos, ou o sepultamento de adultos e de crianças¹¹ no mesmo espaço, este último aspeto relevante por testemunhar condições particulares da vivência neste tipo de sítios onde se acolheu também população mais jovem. Atente-se que o sepultamento de homens, mulheres e crianças

11. Na Arrifana documentou-se também a presença de enterramentos de mulheres.

na mesma área se encontra também documentado em necrópoles coevas identificadas em outros sítios desta região, tais como no Telhal (Granja, Pombal e Godinho, 2009) ou no Arneiro, em Cascais (Cardoso, Encarnação, Rodrigues e Pereira, 2022).

De igual modo, também na Ponta da Atalaia as inumações se efetuaram em fossas com o espaço estritamente necessário à deposição dos corpos, em *decubitus* lateral direito e alinhados nordeste-sudoeste, com a cara voltada a sudeste e sem espólio associado¹². A sua sinalização é também relativamente discreta, recorrendo-se a materiais disponíveis no local para compor estruturas simples de terra e pedra, ainda que no sítio do *ribat* da Arrifana se observe uma maior diversidade na sua composição, que poderá refletir diferenças de estatuto social dos inumados, para além de terem sido identificados vários casos de lajes usadas como estela de sinalização, duas delas contendo inscrição (Gomes e Gomes, 2019, p. 346 e 350).

Quanto à localização dos almocávares, importa destacar que no caso da Arrifana, na costa algarvia, este foi inicialmente estruturado dentro do espaço do *ribat*, delimitado por um muro que, mais tarde, foi alargado para zona aparentemente mais periférica e afastada da arriba e do espaço presumivelmente de acesso mais condicionado. Ao invés, no Alto da Vigia, os enterramentos encontram-se numa área localizada no extremo da plataforma, separados da arriba sobranceira ao mar apenas pelo conjunto de edifícios descritos atrás, desconhecendo-se por enquanto como seria delimitado aquele espaço a nascente, a norte ou a sul. Neste ponto, deve referir-se que na área da necrópole, envolvidos pela duna que cobriu o sítio após o seu abandono, se registaram alguns depósitos de telha e material de construção com características de derrube que poderão testemunhar a presença de edifícios na área ainda soterrada a sudeste, que assim delimitariam este espaço também a nascente.

Para além das similaridades já apontadas com o almocávar do *ribat* da Arrifana, podemos afirmar que, de um modo geral, as técnicas e gestos fúnebres registados no caso de Sintra não se diferenciam do padrão reconhecido para as necrópoles do *Garb* al-An-

12. Na Arrifana identificaram-se três sepulturas orientadas norte-sul, portanto, divergentes do eixo canónico islâmico e interpretadas como possíveis evidências de enterramentos de cristãos (Gomes e Gomes, 2019, p. 345).

dalus, quer em contexto urbano, quer em ambientes rurais (Gonzaga, 2018). Pese embora se observem algumas ligeiras discrepâncias quanto ao estrito cumprimento das normas, por exemplo quanto à orientação e forma deposição do corpo, verifica-se que genericamente são cumpridos os preceitos islâmicos de simplicidade, igualdade e desapego na morte propagados pelo Profeta.

Excetuando a sepultura 8 – que como se viu é constituída por dupla fossa –, os demais enterramentos do Alto da Vigia obedecem a um modelo de fossa simples (*darih*), amplamente documentado no Garb al-Andaluz, provavelmente usado durante toda a época islâmica (Gonzaga, 2018, p. 148-149; 152). Nestas estruturas sepulcrais registadas em Sintra, o perímetro formado pelos elementos de sinalização é mais largo que a fossa de inumação, porém, no nosso entender, sem que se possa confundir com as sepulturas compósitas com degrau e fossa central mais funda destinado à inumação. Como foi já referido acima, nos casos identificados no Alto da Vigia os blocos que delimitam o perímetro das estruturas sepulcrais encontram-se assentes no piso de circulação, portanto, sem que se verifique a escavação da plataforma mais larga característica deste tipo de estrutura (conforme esquema apresentado em Chávet Lozoya, Sánchez Gallego e Padial Pérez, 2006, p. 152).

Os dados antropológicos funerários que foi possível recolher são consistentes com uma necrópole islâmica. Apesar da posição dos esqueletos apresentar variabilidade (ver detalhes acima, no ponto 4), provavelmente terão sido todos depositados em decúbito lateral direito. Esta posição bastante instável terá resultado em movimentos do corpo após a sua deposição tal como noutros almocávares (p.ex., Xancra II; Brazuna e Godinho, 2014). O pobre estado de preservação dos ossos limitou severamente a análise paleobiológica, porém destaca-se que dos 3/3 indivíduos exumados são adultos e 2/3 são do sexo masculino (aos quais acresce um indivíduo de sexo indeterminado). Não obstante, as dimensões da sepultura 7 sugerem também a presumível inumação de não adultos neste espaço.

A ausência de espólio e a repetição dos gestos fúnebres ao longo do tempo tornam problemática a integração cronológica mais restrita da generalidade das sepulturas dentro da época islâmica, aspeto que se verifica também no Alto da Vigia. A estratigrafia do sítio demonstrou, como se viu, uma diacronia entre a construção e utilização da mesquita já escavada

e o piso de circulação exterior a esse edifício no qual foram abertas as sepulturas. Contudo, as materialidades cerâmicas que poderiam enquadrar cronologicamente as diferentes fases apresentam, de um modo geral, um estado de conservação bastante fragmentário (Gonçalves e Catarino, no prelo), documentando a ocupação do sítio centrado nos reinos de taifas e época almorávida.

REFERÊNCIAS CITADAS NO TEXTO

AZUAR RUIZ, Ruiz (1989) – *La Rabita Califal de las Dunas de Guardamar (Alicante)*. Alicante: Diputación Provincial.

BORGES, Marco Oliveira (2012) – A defesa costeira do litoral de Sintra-Cascais durante o Garb al-Ândalus. I – Em torno do porto de Colares. *História. Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, IV Série*, vol. 2. Porto: Faculdade de Letras – 2012, pp. 109-128.

BRAZUNA, Sandra; GODINHO, Ricardo (2014) – Xancra II (Cuba, Beja): Resultados preliminares da necrópole islâmica. In SILVA, António C.; Regala, Frederico T.; Martinho, Miguel, eds. – *Memórias d’Odiana, Estudos Arqueológicos do Alqueva: 4º Colóquio de Arqueologia do Alqueva – O Plano de Rega (2002-2010)*. 2ª Série, pp. 219-224.

BROOKS, S.; SUCHHEY, J.M. (1990) – Skeletal age determination based on the os pubis: A comparison of the Acsádi-Nemeskéri and Suchey-Brooks methods, *Human Evolution* 5, 227-238.

BROTHWELL, Donald Reginald (1981) – *Digging Up Bones: the Excavation, Treatment and Study of Human Skeletal Remains*. London: British Museum.

BRUZEK, Jaroslav (2002) – A method for visual bone determination of sex, using the hip bone. In *American Journal of Physical Anthropology*, 117, pp. 157-168.

BUIKSTRA, Jane; UBELAKER, Douglas (1994) – Standards for Data Collection from Human Skeletal Remains: Proceedings of a Seminar at the Field Museum of Natural History, Arkansas Archeological Survey, Fayetteville.

CAETANO, Maria Teresa (2000) – *Colares*. Mem Martins: Câmara Municipal de Sintra.

CARDOSO, Guilherme; ENCARNAÇÃO, José d’; RODRIGUES, Severino e PEREIRA, Carmen (2022) – A Necrópole Islâmica do Arneiro – Carcavelos. *Al-Madan Online*. N.º 25, tomo 2. Centro de Arqueologia de Almada.

CATARINO, Helena (2004) – Breve sinopse sobre topónimos Arrábida na costa portuguesa. In FRANCO SÁNCHEZ, Francisco; EPLALZA, Mikel, eds., – *La Rábida en el Islam. Estudios Interdisciplinarios. Congressos Internacionals de Sant Carles de la Ràpita (1989, 1997)*. Sant Carles de la Ràpita/Alacant: Ajuntament de Sant Carles de la Ràpita/Universitat d’Alacant, pp. 263-274.

CATARINO, Helena (1997-98) – *O Algarve Oriental durante*

- a ocupação islâmica – povoamento e recintos fortificados. Al-Ulyā. Loulé. Vol. I, II e III.
- CHÁVET LOZOYA, María; SÁNCHEZ GALLEGÓ, Rubén; PADIAL PÉREZ, Jorge (2006) – Ensayo de Rituales de Enterramiento Islámicos en Al-Andalus. *Anales de Prehistoria y Arqueología*. Murcia. Vol. 22.
- COELHO, António Borges (1989) – *Portugal na Espanha Árabe*. Lisboa: Caminho, 2.^a ed., vol. II.
- COELHO, Catarina (2000) – A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 3.1, pp. 207-225.
- CORREIA, Fernando B. (2013) – Fortificações de iniciativa omíada no Gharb al-Andalus nos séculos IX e X, hipóteses em torno da chegada dos Majus (entre Tejo e Mondego). In FERNANDES, I., Coord., *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb – Séculos VI a XVI*, Lisboa, Edições Colibri – Campo Arqueológico de Mértola, pp. 73-84.
- DAVEAU, Suzanne (1994) – A foz do Tejo, palco da história de Lisboa. *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.
- DUDAY, Henri (2006) – *L'archéothanatologie ou l'archéologie de la mort*, In Gowland e Knüsel, eds – *Social Archaeology of funerary remains*. pp. 30-56.
- FERNANDES, Isabel Cristina (2005) – Aspectos da litoralidade do Gharb al-Andalus. Os portos do baixo Tejo e do baixo Sado. *Arqueologia Medieval*. Porto: Afrontamento, 9, pp. 47-60.
- FERREIRA, Ângela (2009) – *Trabalhos de Arqueologia: Intervenção Arqueológica do Sítio do Telhal (Sintra)*. Relatório final. [Não publicado].
- FIERRO, Maribel (2000) – “El espacio de los muertos: fe-tuas andalusíes sobre tumbas y cementerios”. In P. Cressier, M. Fierro y J.-P. van Stävel, eds. *L'urbanisme dans l'Occident médiéval au Moyen Age: aspects juridiques*, Madrid: Casa de Velázquez / CSIC, pp. 153-199.
- GRANJA, Raquel; POMBAL, Cristina e GODINHO, Ricardo (2009) – *Relatório Antropológico. Trabalhos de Arqueologia: Intervenção Arqueológica do Sítio do Telhal (Sintra)*. Capítulo 6. Relatório final. [Não publicado].
- GODINHO, Ricardo (2023) – Trabalhos de antropologia no Alto da Vigia, Sintra: Relatório da campanha de 2022 – sepulturas 1 e 7. [Não publicado].
- GOMES, Mário Varela & GOMES, Rosa Varela (2019) – A necrópole do ribat da arrifana (Aljezur, Portugal). In *Al-kitab. Juan Zozaya Stabel-Hansen*. Madrid: Carmelo Fernández Ibáñez (ed.), pp. 343-352.
- GONÇALVES, Alexandre e CATARINO, Helena (no prelo) – O ribat do Alto da Vigia (Colares, Sintra). *Actas do Congresso Internacional Terra, pedras e cacos. Janeiro de 2020, Palmela*. O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa
- GONÇALVES, Alexandre e SANTOS, Sandra (2020) – *O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa*. José Moraes Arnaud, César Neves, & Andrea Martins eds. *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses / CITCEM, pp. 1921-1936.
- GONZAGA, Ana Raquel (2018) – Arqueologia da Morte no Gharb “Português”: Almocávares e outros registos funerários. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Coimbra: Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra.
- ISCAN, Mehmet Yaşar e LOTH, Susan R. (1989) – Osteological manifestations of age in the adult. In ISCAN, Mehmet Yasar, KENNEDY, Kenneth Adrian Raine. eds. 1989. *Reconstruction of life from the skeleton*. New-York: Liss, 2340 p.
- IZQUIERDO BENITO, Ricardo (2006). Una ciudad de la Marca Media: Vascos (Toledo). *Arqueología Y Territorio Medieval*, 12 (2), pp. 35-55.
- MACLAUGHIN Suzanne (1990) – Epiphyseal fusion at the sternal end of the clavicle in a modern Portuguese skeletal sample. In *Antropologia Portuguesa*. 8, pp. 59-68.
- JANEIRINHO, Vânia (2022) – Trabalhos de Antropologia Biológica no âmbito do Projeto de recuperação e valorização do Alto da Vigia, Sintra. Relatório Final.
- LOURINHO, Inês (2020) – *Fronteira do Gharb al-Andalus: terreno de confronto entre almorávidas e cristãos (1093-1147)*. 1.^a ed. – Lisboa: Centro Histórico da Universidade de Lisboa, 2020. – 567 p.
- MICOZZI, M. (1991) – *Postmortem Change in Human and Animal Remains – A systematic approach*. Springfield: Charles C. Thomas Publisher.
- MIGUEL, Lúcia (2011) – *Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução do Bloco de Rega de Brinches (Fase de Obra)*. Sub-bloco da Magoita – C6: Ribeira de S. Domingos 1. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Era-Arqueologia, S.A. [Não publicado].
- NETO, Filipa Mascarenhas (2016) – Trabalhos de Antropologia no Alto da Vigia. Relatório da campanha de 2015. Documento policopiado.
- PIRES, Hélio (2012) – *Incursões nórdicas no Ocidente Ibérico (844-1147): fontes, história e vestígios*. Dissertação de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa.
- RAMOS-PEREIRA, Ana; RAMOS, Catarina; DANIELSEN, Randi; TRINDADE, Jorge; SOARES, António Monge; GRANJA Helena; MARTINS José; TORRES André; ARAÚJO GOMES João (2019). “Late Holocene natural and man induced environmental changes in Western Iberia”. In Água e Território, Um Tributo a Catarina Ramos. Lisboa, Portugal, CEG/IGOT/UL., pp. 217-250.
- RIBEIRO, José Cardim (2019) – Escrever sobre a margem do Oceanus: epigrafia e religio no santuário do Sol poente (provincia Lusitania). Barcelona: *Sylloge Epigraphica Barcinonen-*

sis, Anexos 3).

SÁENZ PRECIADO, J. Carlos; MARTÍN-BUENO, Manuel (2013) – la necrópolis musulmana de Valdeherrera (Calatayud, Zaragoza): nuevos datos cronológicos sobre la fundación de Calatayud. *Zephyrus*, LXXII.

SCHAEFER, MMAureen; SCHEUER, Louise; BLACK, Sue (2008) – Juvenile osteology: a laboratory and field manual, Academic Press, Burlington.

SIMÃO, Inês; MATIAS, Henrique; NUNES, Tiago (2016) – Minimização de Impactes sobre o Património Cultural decorrentes da execução dos Blocos de Rega de Vale do Gaio (Fase de obra) e do Adutor de Vale do Gaio (troço 4): Fase de obra. Sondagens Arqueológicas. Horta do Pinheiro 5. Relatório dos Trabalhos Arqueológicos. Era-Arqueologia, S.A. [Não publicado].

STROUHAL, E. (1991) – Myeloma multiplex versus osteolytic metastatic carcinoma: Differential diagnosis in dry bones, *International Journal of Osteoarchaeology* 1, 219-224.

TORRES BALBÁS, Leopoldo (1970) – *Ciudades hispano-musulmanas*. Madrid: Instituto Hispano-Árabe de Cultura. Tomo I.

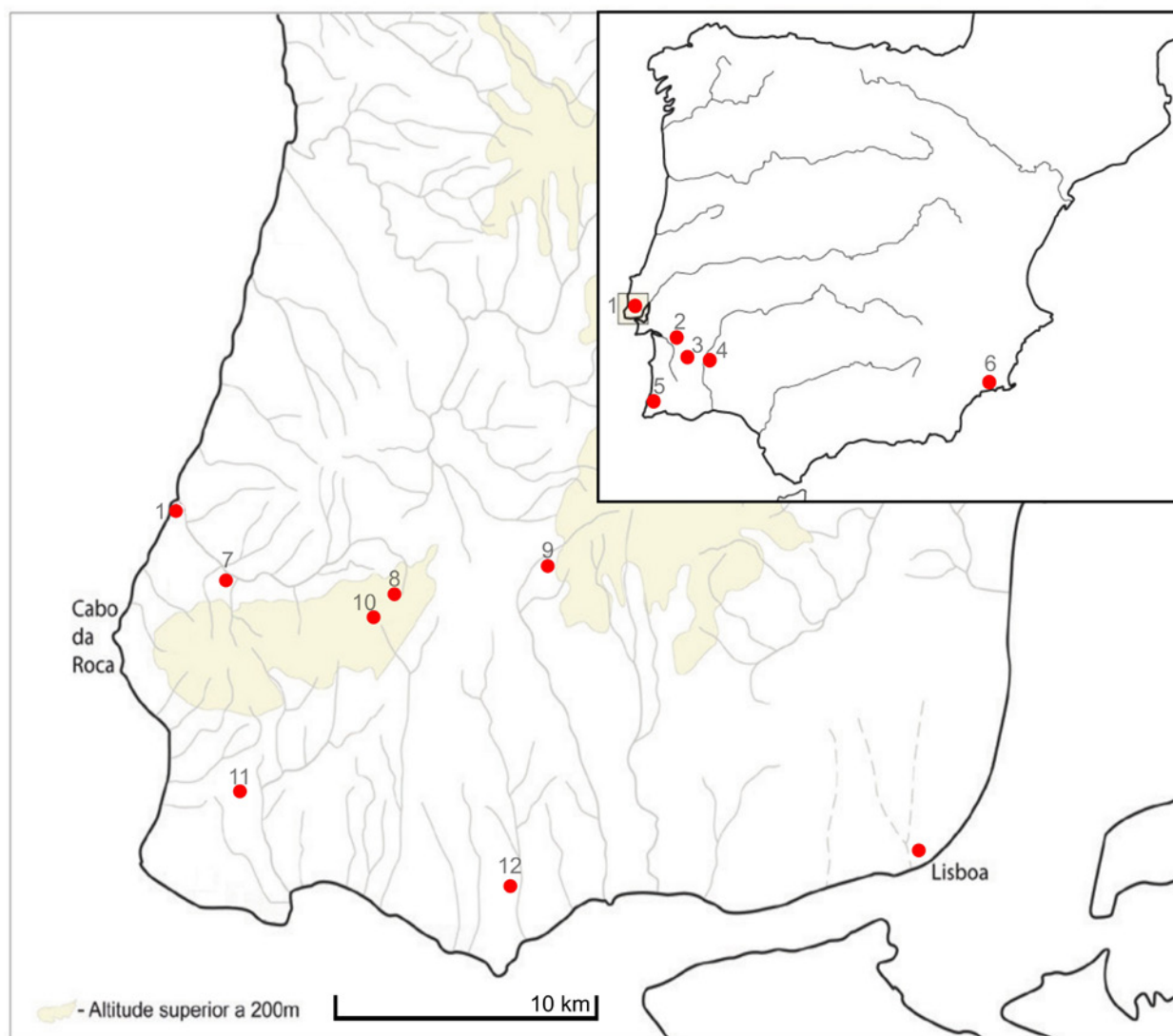


Figura 1 – Mapa da península de Lisboa e a sua localização na península Ibérica, com a implantação do Alto da Vigia e dos principais sítios referidos no texto. 1) Alto da Vigia, 2) Horta do Pinheiro 5, 3) Xancra II, 4) Ribeira de São Domingos 1, 5) *ribat* da Arrifana, 6) *ribat* das Dunas de Guardamar, 7) Colares, 8) Sintra, 9) Telhal, 10) Tapada do Inhaca, 11) Rossio Pelado, 12) Arneiro.

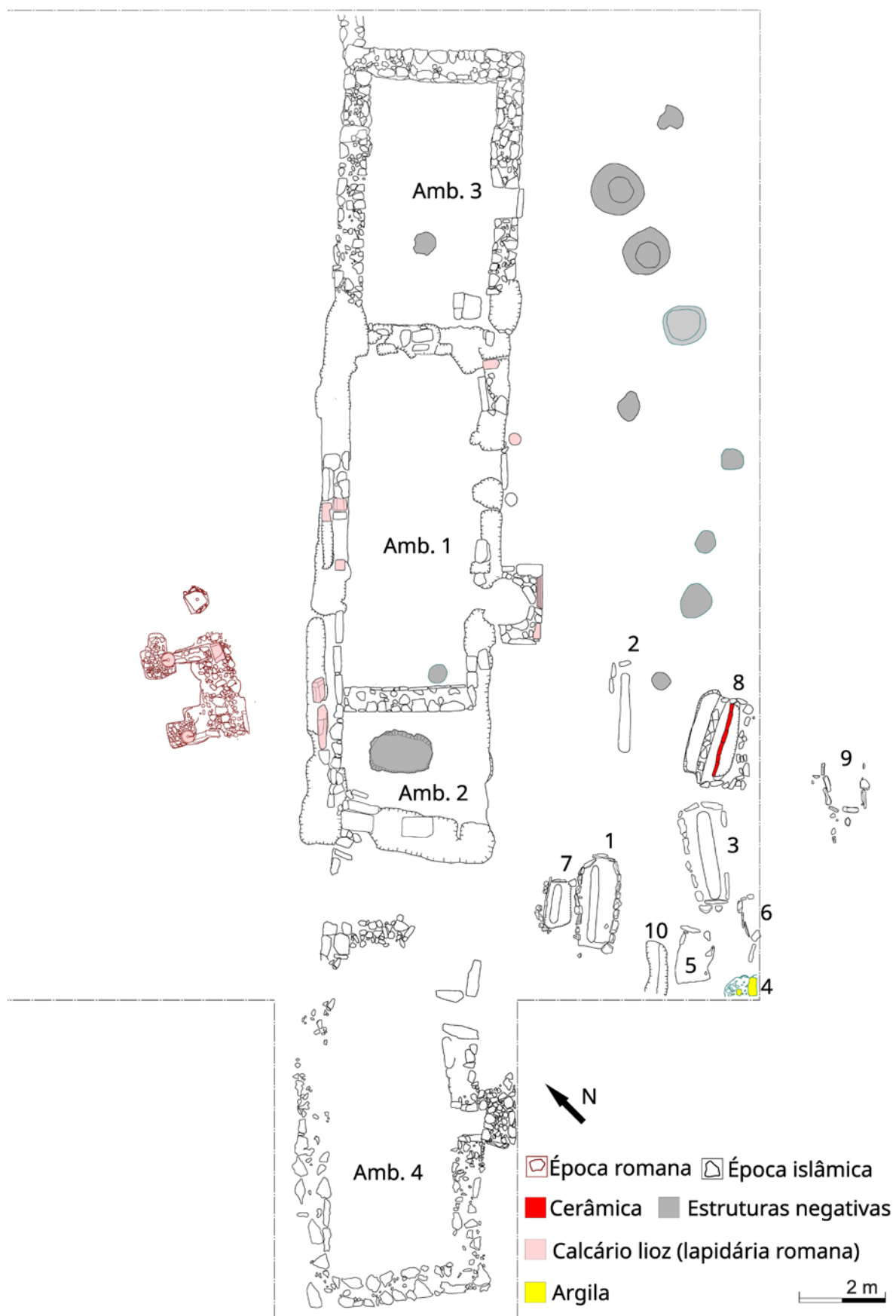


Figura 2 – Planta dos vestígios de época romana e islâmica postos a descoberto no Alto da Vigia até 2022 com a indicação da numeração dos contextos funerários.



Figura 3 – Vista geral da necrópole com a sepultura 8 (em primeiro plano) e 3 (imediatamente a sul. Ao fundo, à direita, os enterramentos 1 e 7.

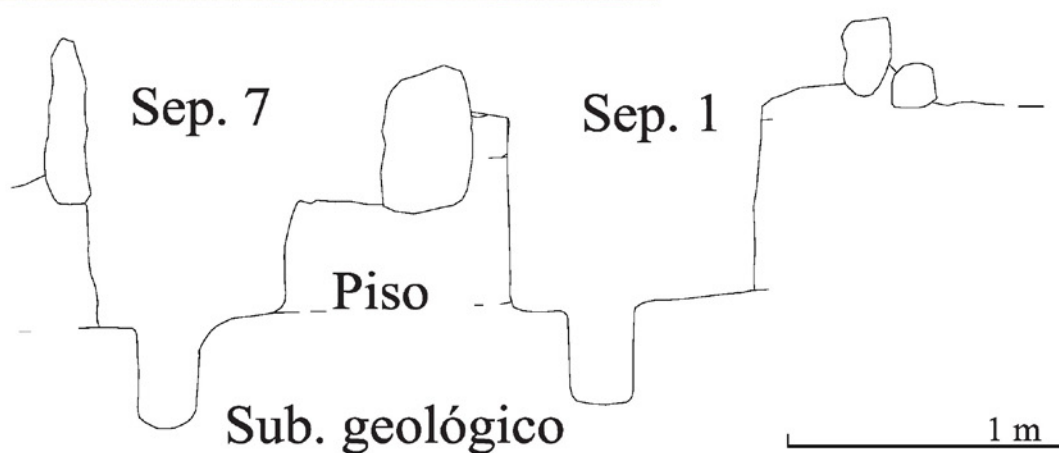


Figura 4 – Aspeto do topo das sepulturas 1 e 7 (a); pormenor da sequência de depósitos de preenchimento da sepultura 7 (b); e corte transversal das duas sepulturas após escavação.

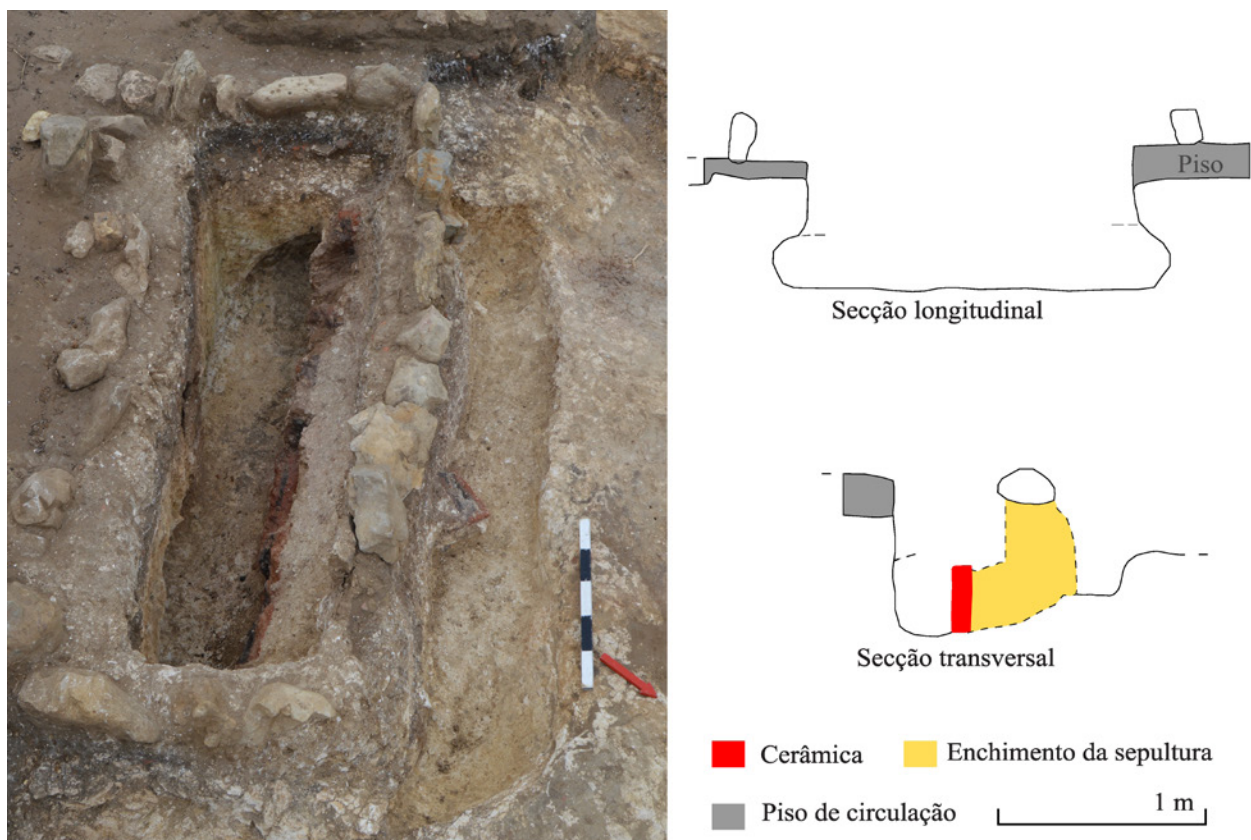


Figura 5 – Plano final da sepultura 8 (a); corte longitudinal e transversal com representação dos vestígios da fossa *lahd*.



Figura 6 – Aspeto dos vestígios osteológicos humanos conservados nas sepulturas 2 (a), 3 (b) e 8 (c).

Sept.	Sinalização			Vala			Sexo	Idade	Estatura	Patologias
	Comp	Larg.	Alt.	Comp	Larg.	Prof				
1	240	110	38	195	20	50	NO	NO	NO	NO
2	260	80	45	195	28	40	Masculino	Adulto	NO	NO
3	255	120	38	220	30	52	Masculino	Adulto	NO	Patologia degenerativa não articular: espículas laminares nas vertebrae torácica. Patologia infecciosa ou neoplasia: crânio. Patologia Oral: cárie, e perda <i>ante mortem</i> de dentição
4	70	110								
5	140 (190)	90								
6	170	70								
7	130	65	38	98	20	50	NO	NO	NO	NO
8	225	130	22	190	30; 120	68	Indeterminado	Adulto	NO	Patologia infecciosa: fêmur esquerdo. Patologia oral: tártaro subgengival
9	120	120								
10	150	75								

Figura 7 – Tabela síntese com principais dados sobre as estruturas funerárias e respectivos vestígios osteológicos humanos conservados. As medidas são indicadas em cm e NO refere-se a parâmetros e dados Não Observáveis.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA


INSTITUTO
ARQUEOLÓGICO
DIREÇÃO - FACULDADE DE LETRAS - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia,
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**